

A controvérsia reiterativa: cores em disputa nos ciberacontecimentos do vestido e do sapato

Reiterative controversy: Color disputes in the dress and the shoe's cyberevents

Wanderley Anchieta¹
wya@outlook.com

Jonas Pilz¹
jonaspilz@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem a intenção de compreender como se constituem as controvérsias em torno do *vestido azul e preto ou branco e dourado* e a do *sapato azul e cinza ou rosa e branco*, a partir da discussão científica sobre o problema e conversações em rede centralizadas nas publicações do *BuzzFeed*, actante propulsor de ambas. A confusão dessas combinações de cores é oriunda de um dilema nascido do mal-estar na filosofia e na ciência acerca da própria natureza das cores. Tal mal-estar se solidifica em uma caixa preta, conceito de Bruno Latour, uma espécie de estabilidade ilusória e provisória, atualizada periodicamente. Entendendo essas controvérsias na proposta do ciberacontecimento, de Ronaldo Henn, vislumbra-se uma categorização das conversações, na qual se percebe uma acirrada disputa entre as combinações de cores e tentativas de explicação acionadas pelo uso de tecnologias.

Palavras-chave: cores, ciberacontecimento, teoria ator-rede.

ABSTRACT

This article intends to understand the formation of controversies surrounding the *blue and black or white and gold dress* and the *blue and gray or pink and white shoe*, both in relation to the scientific discussion regarding the issue and web discussions centralized in *BuzzFeed's* publications, the acting propeller of both. The confusion brought by these color combinations stems from a dilemma of philosophical and scientific malaise about the very nature of colors. This malaise solidifies in a black box, a concept of Bruno Latour, an illusory and provisional stability, updated periodically. Understanding these controversies in Ronaldo Henn's proposal for cyber event, we can see a categorization of the conversations, where one perceives a fierce dispute between the combinations of colors and explanation attempts triggered by the use of technologies.

Keywords: colors, cyber event, actor-network theory.

¹ Universidade Federal Fluminense. Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis, s/n, bloco A, 4º andar, São Domingos, 24210-201, Niterói, RJ, Brasil.

Introdução

No período de dois anos e meio, duas publicações em sites de redes sociais fomentaram uma enorme mobilização de pessoas em torno da solução de um questionamento aparentemente simples: que cores são estas? Em fevereiro e março de 2015, a dúvida foi catalisada através da foto de um vestido em uma loja de departamentos (Holderness, 2015a); para alguns preto e azul, para outros branco e dourado. Então, outubro de 2017 trouxe outra confusão de cores, dessa vez materializada na imagem de um calçado (Strunk, 2017); azul e cinza ou rosa e branco. Tomando ambas as problemáticas e desdobramentos a partir do que Latour (2012) designa como controvérsias, este artigo propõe uma leitura sobre os sentidos produzidos em torno das cores, à luz da Teoria das Cores, nas conversações em rede centralizadas nas publicações do *BuzzFeed*, notório actante propulsor do espalhamento (Jenkins *et al.*, 2013) de conversações, memes e acontecimentos. Tem-se como questionamento central quais sentidos emergem através das conversações promovidas pelo *BuzzFeed* e como estes se relacionam com a controvérsia no âmbito do estudo das cores. Entendendo o *vestido azul e preto ou branco e dourado* como um acontecimento em rede, assim como o *sapato azul e cinza ou rosa e branco* (também referencial a este), propõe-se inscrições teórico-metodológicas na Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais, desenvolvida como aporte para as pesquisas de ciberacontecimentos (Henn, 2014), às quais esta vincula-se, e na Teoria Ator-Rede, sobretudo na proposta das caixas pretas, oferecida por Latour.

Reitera-se, contudo, que, tal qual esta espécie de atualização (controvérsia) que o *sapato* suscita ao *vestido* (caixa preta), ela também possa elencar outros tensionamentos. As controvérsias em torno da confusão de cores não terminarão, sobretudo do ponto analítico de conversações em rede, visto que esta questão não possui solução leviana. Um artigo do site *Huffpost Brasil* chegou a afirmar categoricamente: “(a solução é a constância de cor) em outras palavras, nossos cérebros ajustam automaticamente a percepção da cor a depender do contexto (iluminação, por exemplo) em que algo é visto” (Howard, 2015). Em verdade, o estudo da cor se flexiona numa miríade de *controvérsias* que transtornaram as mais brilhantes mentes filosóficas e científicas, ao longo dos

séculos, e que continua, até os dias atuais, a desorientar mais que resolver hipóteses. A constância de cor não explica, por exemplo, umas das questões fundamentais: se a cor existe, objetivamente, ou não. Tal fato, por si só, altera substantivamente as explicações do porquê a cor variaria de pessoa para pessoa. Desse modo, se faz basilar repisar no tema e indicar que as discussões continuam em aberto para aqueles que queiram, por ventura, buscar resolver em definitivo o problema da cor. Estas parecem questões (ainda) sem resposta, tal como um incômodo para a ciência ocidental. O interesse aqui está justamente na controvérsia das manifestações *leigas* desse incômodo, operadas com significativa passionalidade, que demonstram as afetações do acontecimento. Assim, a pretensão desse artigo é oferecer não uma explicação definitiva das controvérsias envolvendo as cores, mas como elas são tomadas no âmbito científico e como se materializam nas conversações em rede.

As inexatidões das cores

“A noção de senso comum de que a cor é uma propriedade de objetos se sujeitou a um grande escrutínio pelos filósofos e cientistas, ao menos desde que Galileu começou a duvidar do que seus olhos pareciam lhe dizer” (Batchelor, 2014, p. 53, tradução nossa). A capacidade de *comunicar* da cor, precisamente por sua tendência natural à instabilidade, outrora ignorada, passa à condição de dúvida primordial. Ainda que a experiência da cor seja equiparável e mensurável em seres humanos – alguém não daltônico jamais verá verde num estímulo vermelho, por exemplo —, não é possível garantir que, mesmo sob condições de saúde e iluminação idênticas, haja qualquer *exatidão* na imagem mental processada por cada indivíduo. Isso visto que a fóvea do olho humano é composta de uma miríade de milhões de receptores coloridos, chamados cones, distribuídos de forma desigual em nossa sensibilidade: somos melhores equipados para vermos as frequências verdes e as vermelhos/laranjas do que as azuis/violetas. Ademais, “os cones individuais [...] são inteiramente cegos para cor posto que sua resposta é meramente um reflexo do número de fótons que capturam, independentemente do comprimento de onda do fóton”². Esses cones, então, respondem à excitação causada a partir do estímulo luminoso e se sobrepõem continuamente, enviando informações cruzadas para o

² De acordo com Centro Nacional de Pesquisas em Biotecnologia dos EUA (NCBI, 2001).

cérebro, local onde a cor é, finalmente, classificada e reconhecida. “O olho foi frequentemente comparado a uma câmera. Esta metáfora é capaz de enganar, pois representa o olho como um transmissor passivo de imagens para algum outro órgão mais ativo que os vê e os usa para obter informações sobre o mundo” (Hardin, 1988, p. 7-8, tradução nossa). Avaliando-se o fato de que os cones, em verdade, *interpretam* ou *decompõem* excitações luminosas em sinais informacionais — esses que serão *avaliados* pelo cérebro e, então, nomeados — pode-se concluir que o ato do reconhecimento das cores se efetiva dentro de uma ampla zona de inferência cujos resultados estarão, invariavelmente, entremeados de imprecisões. Outros fatores ainda tornam mais o ato mais complexo, desde a memória³, os afetos e a atenção, até o estado fisiológico: “O estado psíquico, a fadiga, o debilitamento e a ingestão de certas drogas alucinógenas podem causar [...] variações ou distúrbios (na percepção de cor) [...]” (Pedrosa, 2009, p. 57). Este parágrafo contém uma sintetização de um dos aspectos envolvidos, a saber: o fenômeno da recepção. A composição energética da luz; sua propagação (reflexão, difração, etc.) nos diversos meios; a fabricação de telas e superfícies coloridas, a captação física ou eletrônica dessa cor; entre outros aspectos, *amplificam* as dificuldades envolvidas, o tanto que

Se alguém diz “Vermelho” (o nome da cor) e há 50 pessoas ouvindo, pode-se esperar que haja 50 vermelhos em suas mentes. [...] Mesmo que todos os ouvintes tenham centenas de vermelhos na frente deles para escolher o vermelho da Coca-Cola, eles novamente selecionarão cores bastante diferentes. E ninguém pode ter certeza de ter encontrado o matiz vermelho preciso. E mesmo que a logo redonda da Coca-Cola vermelha, com o nome branco no meio, seja mostrada para que todos se concentrem no mesmo vermelho, cada um receberá a mesma projeção em sua retina, mas ninguém poderá ter certeza se cada um terá tido a mesma percepção (Albers, 2013, p. 3, tradução nossa).

Aquilo que poderia começar a se assemelhar a um exagero teórico fica evidenciado nas disputas

em torno da definição das cores *reais* do vestido e do sapato. O desengano, as decepções elevadas ao nível de campo de batalha entre lados — ambos corretos, vide acima —, ocorrem *rigorosamente* visto que a “cor não tem existência material: é *apenas* sensação produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz” (Pedrosa, 2009, p. 1, grifo nosso). A frase, *incontroversa*, lançada na introdução da seminal obra de Israel Pedrosa, se refere a contenda entre objetivismo e subjetivismo que será brevemente apreciada em seguida. Antes, no entanto, cabe alongar o caminho dos autores até agora trabalhados, ou seja, o viés das cores como efeito psicológico ou subjetivo. Gregory Currie aponta que

*Alguns filósofos pensam, de modo geral, que as cores “não estão realmente lá” numa superfície, e que quando nossa experiência representa um objeto ou superfície como tendo uma certa cor, estamos sujeitos a uma ilusão, porque não há cores para estarem lá a princípio. [...] Eu tomo as cores como propriedades das superfícies, mas propriedades que essas superfícies têm em virtude delas serem um modelo ou padrão normal de resposta a essas superfícies por parte de observadores sensitivos. As cores são, na frase de Mark Johnston, propriedades **dependentes de resposta** (do observador) [...] (1995, p. 31, tradução nossa e grifo do autor).*

Ou seja, para Currie, elas estão *objetivamente* lá. No entanto, sua apreensão se dará, invariavelmente, de forma atravessada pela subjetividade de cada observador. O caminho que permite tal entrelaçamento começou a ser feito possível na virada do século XVIII para XIX: “Tanto Maine de Biran como Goethe deslocam os valores absolutos conferidos às cores pela teoria newtoniana, insistindo na transformação efêmera da cor que se produz no interior do sujeito humano” (Crary, 2012, p. 76). Em suma, o avanço do entendimento da fisiologia do corpo retirou o enfoque dos estudos da cor enquanto efeito exclusivo da ação da luz para o estudo da mesma enquanto efeito da ação da luz *sobre o aparato sensível do homem*. O objetivismo, todavia, assevera que

³ “O conhecimento visual adquirido no passado ajuda não só na detecção da natureza de um objeto ou ação que se apresentam no campo visual; também atribui ao objeto presente um lugar no sistema de coisas que constituem nossa visão total do mundo” (Arnheim, 1997, p. 90, tradução nossa). Em outras palavras, a memória tanto ajuda na identificação quanto provê um sistema de padrões de entendimento. Esses padrões tanto agilizam o reconhecimento quanto normatizam nossa sensibilidade.

As cores não são um problema se a sua visão da realidade abraça tanto matéria inerte quanto criaturas com mentes, ignorando as divisões metafísicas entre elas. O problema da cor surge quando a ênfase teórica é colocada em uma realidade física abstraída da presença de observadores, como é caracterizada pela abordagem galileana, e quando a dúvida é lançada sobre a capacidade de nossos sentidos para imaginar essa realidade, como aconteceu no século XVII (Chirimuuta, 2015, p. 36, tradução nossa).

Em outras palavras, haveria um mundo exato e calculável que abrangeria a ordem de todas as coisas que existem. E, portanto, as cores seriam uma variável medível. Desse modo, existiria uma resposta absolutamente *certa* para a questão (as cores são X ou Y) e todas as outras estariam inteiramente *incorretas*. Chirimuuta aponta esse paradoxo como o *inner/outer divide* (divisão de dentro e fora, da mente). Essa cisão permanece não resolvida pela ciência até a presente data, e tentativas como a de Currie buscam conectar os lados. Ambos, apesar disso, continuam a batalhar para afirmar sua posição. As contendas acadêmicas transbordam para a sociedade como um todo de forma análoga. A indecisão sobre a designação um estatuto definitivo para as cores se infunde em disputas, negociações e associações, sobretudo quando cristalizadas em um objeto de atenção e, no que diz respeito ao acontecimento em rede, de um número expressivo de pessoas, vez ou outra atingem um momento de estabilidade frágil, quando há uma resolução interina, a qual Latour denomina caixa preta. As caixas pretas são o momento de cessão das controvérsias, tal qual a aprovação de uma lei após debate entre congressistas; um conceito após pesquisas científicas, cujo resultado poderá ser posteriormente refutado; mesmo uma percepção que se dissemina como senso comum. Nesse sentido, a controvérsia seria o que incomoda, o não-resolvido, à frente, num primeiro plano, até que se estabilize e passe *para um plano de fundo e desapareça*; isto, até que novos problemas surjam e as redes de sua constituição se tornem mais uma vez visíveis, *saindo do fundo* (Latour, 2012; Lemos, 2013). Assim, as disputas dos ciberacontecimentos sobre as cores do vestido e do sapato são importantes não só por evidenciar a caixa preta em torno da percepção humana, como também da própria disputa entre as visões de ciência e filosofia que balizam nossa sociedade.

Do acontecimento ao ciberacontecimento e Teoria Ator-Rede

Dentre as diversas noções do acontecimento, a de Adriano Rodrigues (1993, p. 31), tomando este como “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais” é uma das que mais fundamentam pesquisas sobre tal conceito. Embora haja problemas nesta formulação, sobretudo ao tratar a história como *lisa*, este rompimento, este desvio de que fala Rodrigues, é pertinente em diversas outras tentativas de se entender o que é o acontecimento. Rebelo (2006, p. 17) salienta que “nem toda ocorrência ou ação é acontecimento”, creditando a este o seu potencial de atualidade (produção do acontecimento no tempo e espaço) e pregnância (capacidade de provocar uma ruptura no quadro de vida). Contudo, o autor respalda que “a ocorrência tem mais probabilidades de ser considerada um acontecimento quando nos incita a reconstruir esse nosso quadro de vida momentaneamente perturbado pela ocorrência inesperada” (Rebelo, 2006, p. 17).

Da mesma forma, Charaudeau (2006, p. 99-100), para quem o acontecimento não significaria nada *per se* – somente quando envolvido em um discurso – propõe que acontecimento é o que produz “uma *modificação* no estado de mundo fenomenal, geradora de um estado de desequilíbrio”. Assim, para que seja apreendido (compreendido) é necessário que “essa modificação seja *percebida* por sujeitos (ou que estes julguem que houve uma modificação) num efeito de ‘saliência’, e que essa percepção se inscreva numa rede coerente de *significações* sociais por um efeito de pregnância” (Charaudeau, 2006, p. 100, grifos do autor).

Quéré (2012) entende que o acontecimento é a instância inaugural de todo um processo de sentido, e propõe uma reconfiguração do *acontecer* para *acontecer a*, destacando aí a afetação nos sujeitos. Rancière (1995) também propõe que o acontecimento só existe para alguém por quem e para quem ele tem sentido. Assim, a instância semiótica do acontecimento, entendida por Henn *et al.* (2012, p. 107), opera mesmo que “individualmente haja uma experiência singular do acontecimento, existe a experiência coletiva que gera o ambiente interpretante em que as possibilidades de sentido ganham contornos mais efetivos”. Vogel (2010) aponta que os acontecimentos, em um dado primeiro momento, encontram-se instáveis; sendo o jornalismo um dos seus actantes de estabilidade, que o reconfiguraria para novas possibilidades de sentido.

Nota-se nestas ambiências de situação do acontecimento uma grande pertinência entre este e os conceitos apontados por Lemos (2013) da Teoria Ator-Rede (ainda que na perspectiva das materialidades da comunicação), sobretudo no que diz respeito às controvérsias e caixas pretas, como momentos de instabilidade, produção de sentidos, afetações, até um momento de estabilidade (o que, no caso do acontecimento, dar-se-ia por e através dos meios midiáticos). Assim, entendemos tanto o vestido e o sapato como ator-rede, que mobilizam uma ruptura no quadro estável da percepção de cores de atores sociais em rede, a partir da materialidade das imagens digitalizadas dos dois objetos. Estes objetos, envoltos, é claro, em um discurso disruptivo, proporcionam a proliferação de sentidos, afetações e mobilização, sendo configurados como *controvérsias*, através das suas cores, em *instabilidades* em busca de organização e estabilização, como os acontecimentos experienciados pelos sujeitos, de forma coletiva, aos quais estes conferem sentidos. Tal qual Latour aponta que as controvérsias incidem nas trajetórias em busca de momentos de manutenção, tomadas como caixas pretas, para os teóricos do acontecimento este agente (actante) de manutenção seria o jornalismo, inaugurando aí o acontecimento jornalístico.

Vemos na controvérsia do acontecimento do vestido e do sapato não a tentativa de explicar, elaborada em narrativas nas redes digitais e discursos jornalístico-científicos (que o segundo pauta-se pelo primeiro), mas de compreender os processos das primeiras. Assim, neste artigo e esta vinculação com a Teoria Ator-Rede, não pretendemos demonstrar se o sapato ou o vestido são desta ou daquela cor, mas como a controvérsia se constitui, nos rastros da proliferação de sentidos de actantes em conversações em rede. Da mesma forma, entendendo que após diversas das narrativas citadas, o vestido passou para um plano de fundo, como caixa preta; a nova controvérsia do sapato atualizou, rompendo a estabilidade e trazendo uma nova controvérsia, elaborada de forma semelhante em narrativas e disputas de sentido neste novo acontecimento. Assim, não só como acontecimentos, entende-se estes como ciberacontecimentos, na proposta de Henn (2014).

Ciberacontecimento: a emergência do acontecimento das redes digitais

Os ciberacontecimentos são os acontecimentos onde as redes digitais e suas potencialidades são actan-

tes fundamentais em sua constituição e desdobramentos — mais do que isso, não seriam possíveis sem que as lógicas destas redes fossem determinantes, como suas catalisadoras ou mediadoras. Assim, são aqueles acontecimentos oriundos e/ou redimensionados por atores sociais em redes digitais. São acontecimentos de diversas naturezas, desde o *desafio do balde de gelo* (Neumam, 2014), os *rolezinhos* (G1, 2014) no Brasil (2013/2014), a *hashtag #meuamigosecreto* (Visconti e Ferrari, 2015) até protestos político-sociais organizados através dos sites de redes sociais, como as *jornadas de junho de 2013* (Melito, 2014) no Brasil e o movimento *Indignados (15-M)*, na Espanha em 2011⁴. São acontecimentos que, por si só, já envolvem um grande número de atores sociais na sua constituição (entendida aqui também como reverberação do acontecimento), no espalhamento de uma ou, via de regra, mais narrativas, conversações em rede (Recuero, 2014) e apropriações de seus sentidos. De acordo com Henn (2014, p. 17, tradução nossa), os ciberacontecimentos são possíveis por conta de três dimensões

os processos transnarrativos e hipermidiáticos, que incluem a presença de outros atores; a reverberação que passa a incorporar-se na própria narrativa, também a constituindo; e a eclosão de estes outros modos de acontecimento que são tramados em um cenário de conexões sistêmicas altamente complexa.

A proposta de que já haveria uma instância de acontecimentos intrinsecamente ligados às redes digitais e suas potencialidades surge de uma revisão de Henn das teorias do acontecimento e do acontecimento jornalístico. A inspiração da proposta encontra pertinência em Nora (1979), que aponta que há acontecimentos “portadores de elementos específicos correspondentes às mídias que lhes são contemporâneas” (Henn *et al.*, 2012, p. 101). Assim, estariam posicionados o *caso Dreyfus*, no final do século XIX, como marco da imprensa moderna; o conflito bélico da Segunda Guerra Mundial para o estabelecimento do rádio; a corrida espacial culminada na chegada da humanidade à Lua para a televisão; e o escândalo *Monica Lewinsky* como marco da internet, pelo papel de um *blog* amador na divulgação do conteúdo das gravações, às quais o jornalismo tradicional estadunidense não havia tido acesso.

⁴ Todos estes desdobramentos constituíram a pesquisa empírica do LIC, Laboratório de Investigação do Ciberacontecimento, em sua proposta teórica e metodológica.

Ainda assim, não é possível atribuir ao ciberacontecimento a qualidade de acontecimento originado e transcorrido na internet, pois a mobilização em torno de um fato pode transcender esta ambiência, como convocações de protestos ou mesmo eventos de sociabilidade, tal qual os *rolezinhos*. A partir da organização das pessoas em sites de redes sociais, manifestações de expressão tomam os ambientes públicos e público-privados. Da mesma forma, também é possível pensar que a situação inversa seja plausível, quando um acontecimento, da ordem do previsível (Alsina, 2009), como um jogo de futebol ou um debate eleitoral, catalisa inúmeras postagens nas redes sociais na internet ressignificando o acontecimento. Assim, uma vez que “o ciberacontecimento é instituído progressivamente, concomitante ao que transcorre no processo de significação ou ressignificação dos atores, conexões e mídias” (Pilz, 2017, p. 60), questiona-se, nesse sentido, uma potencialidade dos acontecimentos virem a ser categorizados na proposta do ciberacontecimento, no campo das afetações. Henn justamente busca na formulação de Quéré (2012) do acontecimento cristalizado no nível da afetação e da experiência dos sujeitos, desencadeando um processo de significação à sua emergência quando, produzindo “sentidos e experiências, o acontecimento instala campos problemáticos em torno dos quais comunidades inteiras podem se articular em potenciais disputas de sentidos” (Henn *et al.*, 2018, p. 5). Assim, estas afetações são reconfiguradas pela possibilidade de serem compartilhadas com diversos pares e audiências (boyd⁵, 2010) compondo e ressignificando os ciberacontecimentos.

O acontecimento para Henn, portanto, é *um evento portador de informação*: um sobressalto numa condição outrora monocórdica, que traz à tona uma irregularidade carregada de indícios. “Quanto maior a força surpreendente ou desestabilizadora do acontecimento, mais informação ele porta” (Henn *et al.*, 2012, p. 101). É como se fosse uma harmonia que progride em ritmo estável, as histórias, nossas vidas ordinárias; até que algo irrompe uma espécie de *desarranjo significante* — em outras palavras, é uma *dissonância informante* que desvela um estado de coisas.

*Esses processos são pensados dentro de uma lógica oriunda da Teoria dos Signos de Charles Sanders Peirce (2002). A semiose é a ação do signo em todos os seus desdobramentos, não apenas o que se estabelece na fruição de um signo qualquer com um provável intérprete, mas também o conjunto de atividades semióticas anteriores à sua produção específica com todos os potenciais sentidos produzidos numa perspectiva muito ampla de tempo. Isso inclui até mesmo ações concretas, como mobilizações sociais motivadas por determinadas articulações de signos [...] (o acontecimento) concentra em si a força propulsora da semiose: apreendido na condição de signo, o irromper da sua existência desdobra-se em infinitas possibilidades de desvendamento do objeto em que encarna (Henn *et al.*, 2012, p. 105, grifo nosso).*

Em outras palavras, a partir da emergência do signo, o que tratando-se do *vestido azul e preto ou branco e dourado* são as suas *cores*, passam a ser expostas questões que antes não apareciam, ou sequer existiam (ex.: como é possível que a *realidade objetiva* seja diferente entre as pessoas?), ou ainda eram dadas como assuntos já resolvidos (ex.: percepção de cores é algo básico, simples, cuja resolução se dá enquanto *matéria* do pré-escolar⁶).

As controvérsias do vestido e do sapato

De forma que o site *BuzzFeed* assume um papel catalisador de espalhamento e visibilidade às duas controvérsias, a operacionalidade metodológica proposta aqui está delimitada na centralidade das publicações sobre o vestido e o sapato (a) no site, (b) no perfil do Twitter (*BuzzFeed*, 2015a, 2017a) e (c) na página no Facebook (*BuzzFeed*, 2015b, 2017b). A partir disso, utiliza-se inscrições na Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais, composta por três etapas principais: (a) *mapeamento e coleta*; (b) *identificação das nucleações de sentidos e categorização*; e (c) *inferências dos sentidos oriundos*

⁵ Mantém-se aqui a preferência da autora em utilizar a grafia com letra minúscula de seu nome.

⁶ “Todo o nosso sistema educacional continua sendo baseado no estudo de palavras e números. No jardim de infância, com certeza, nossos jovens aprendem ao verem e manipularem formas bonitas e ao inventarem suas próprias formas em papel ou em argila, pensando ao perceber. Mas com o primeiro grau da escola primária, os sentidos começam a perder o *status* educacional. Mais e mais as artes são consideradas como um treinamento em habilidades agradáveis, como entretenimento e relaxamento mental” (Arnheim, 1997, p. 2-3, tradução nossa).

das conversações dos ciberacontecimentos. Desenvolvida para dar conta de conversações espalhadas pelas redes digitais, a proposta metodológica tem em sua primeira etapa a tarefa de, a partir da percepção de controvérsias e da constituição do ciberacontecimento, mapear as publicações que dão corpo ao evento, incluindo as operadas dentro da metodologia noticiosa do jornalismo, a fim de entender tal manifestação. Nesse sentido, aqui propõe-se apenas a delimitação de conversações originadas das propostas de conversação do *BuzzFeed*. A constituição do objeto realizada até aqui também empreende o esforço de colocá-lo à luz das fundamentações teóricas possíveis que aciona. Na segunda etapa, através dos desdobramentos conversacionais delimitados, realizou-se uma observação para posterior agrupamento em categorias. Destaca-se que, com os apontamentos de Fragozo *et al.* (2013) sobre o momento de saturação dos dados obtidos, onde há repetições e não surgem novas categorias nas observações, optou-se por analisar as réplicas mais significativas às publicações em termos de reações, respostas e compartilhamentos – interações mútuas e reativas (Primo, 2008) possibilitadas pelas plataformas — até atingir-se a percepção deste momento de saturação. Se na primeira etapa reitera-se o valor contextual e uma incursão essencialmente descritiva do acontecimento, na segunda, a categorização encontra-se na chave da subjetividade – ainda assim, pertinente ao observável. Por fim, as inferências são tomadas para cada acontecimento e na tentativa de relação entre ambos, sobretudo pelo agenciamento notório do vestido nas manifestações relacionadas ao sapato.

O vestido azul e preto ou branco e dourado

Se tratava de um mero vestido a ser usado pela mãe da noiva, Cecilia Bleasdale, no casamento de sua filha, Grace, na ilha de *Colonsay* na Escócia. Cecilia estava em dúvida sobre qual peça comprar, logo tirou uma foto com seu celular e a enviou para Grace. Imediatamente o que se seguiu foi uma ampla discussão familiar sobre a *cor* daquela roupa, para em seguida chegar até Ceitlin McNeill, músico de uma banda *folk* escocesa chamada Canach, e amigo de Grace. Seu conjunto também permaneceu atordoado em relação à coloração daquele vestido, o tanto que eles

sentiram a necessidade de espalhar essa discussão pelo mundo, via redes digitais, no dia 25 de fevereiro de 2015:

“Nós descobrimos essa foto do vestido e não conseguimos concordar sobre a cor”, disse Alana MacInnes, membro da banda, ao *The Washington Post*. “Depois disso, todos na festa de casamento discordaram sobre isso também”. Então, um dos membros da banda pegou a fotografia contestada e a colocou em uma página de fãs dedicada a uma mulher chamada Sarah Weichell. “Pessoal, por favor, me ajudem”, implorou o músico. “Este vestido é branco ou dourado, ou azul e preto? Eu e os meus amigos não conseguimos concordar e estamos ficando loucos... NÃO CONSIGO LIDAR COM ISSO”. Então o assunto se tornou uma explosão atômica. “Parece ter tomado toda a internet!”, informou MacInnes ao *The Post*. “É muito louco como tudo isso aconteceu”. Entre aqueles que se intrometeram no assunto estão: Taylor Swift (“É obviamente azul e preto”); Os Dodgers de Los Angeles (“É azul”); Justin Bieber (“azul e preto”); Mindy Kaling (“É um vestido azul e preto. Você está brincando comigo!”); Anna Kendrick e Rob Lowe (ambos com branco e dourado); Julia Louis-Dreyfus (“É azul e marrom. Ponto. Próximo?”); e milhões de usuários menos conhecidos (do twitter, a priori) (McCoy, 2015, tradução nossa).

De fato, dois *times* se formaram através das antagônicas *hashtags* #WhiteAndGold e #BlackAndBlue. No dia 26 de fevereiro de 2015, rapidamente, um questionário submetido pelo *BuzzFeed* obteve 1.8 milhões de votos com 72% de maioria para as cores branco e dourado. Ou seja, um simples vestido acabou por se tornar um acontecimento na *web*, tão extasiante que uma reportagem⁷ na revista *Wired* realizada pelo jornalista Adam Rogers com o neurocientista Bevil Conway, no dia 27 de fevereiro de 2015, meros dois dias após a hecatombe #thedress ou #dressgate⁸, registrou o espantoso número de 32.8 milhões de visitantes únicos em menos de vinte e quatro horas no ar⁹. O acontecimento também mobilizou investigações jornalísticas e científicas, bem como ambas se referenciaram em seus interesses. Eventualmente, no

⁷ Intitulada, em tradução nossa: A ciência do porquê ninguém concorda sobre as cores do vestido. (Cf. Rogers, 2015).

⁸ Em irônica referência ao escândalo de *Watergate*, cujo resultado acabou por forçar a renúncia do presidente Nixon, nos EUA, em 1972.

⁹ De acordo com informações obtidas em matéria assinada pelo repórter Charlie Warzel, do *Buzzfeed* (Cf. Warzel, 2016).

entanto, as tais *situações aparentemente irrelevantes* podem acabar por fazer emergir consigo questões outrora silenciadas¹⁰. Retomando os conceitos de Bruno Latour: são *controvérsias* que podem ser cristalizadas, ou fixadas, num momento específico, em *caixa preta*. Isso, porém, não perfaz nem resolução nem término uma vez que as caixas pretas, quando desencavadas, reacendem tudo aquilo que guardavam

a noção de controvérsia oriunda da Teoria Ator-Rede, é também uma ferramenta importante para sublinharmos os conflitos, dissensos e disputas que se dão em torno do par amor e ódio por objetos culturais. Pois, segundo a TAR, a controvérsia é o momento ideal ou o lugar privilegiado para observarmos os actantes em circulação na construção de uma associação. Momento em que a complexidade das relações sociais se revela na infinidade dos mediadores, nas relações de forças desiguais, nos embates e finalmente na sua estabilização, quando a controvérsia se transforma numa “caixa preta” (Pereira de Sá, 2016, p. 56).

Assim, dentre as conversações oriundas das publicações do *BuzzFeed* sobre o vestido, propõe-se três categorias relativas à discussão anterior — só passíveis de existência num mundo no qual o fenômeno perceptivo é pouco compreendido.

(i) *Fla x Flu*¹¹: categoria nomeada em homenagem aos torcedores de esportes em geral que, usualmente, defendem seu time de forma cega e execram o outro *lado*. No caso do cibercontecimento do vestido, havia aqueles que defendiam com veemência que as cores *só poderiam ser*¹² azul e preto e aqueles que rebatiam tal afirmação com o branco e dourado (Figura 1).

(ii) *Raiva/ironia*: categoria onde os comentários e respostas afloram a ideia de frivolidade do assunto.



Figura 1. Fla x Flu.

Figure 1. Fla x Flu.

Fonte: Coleta de dados realizada pelos autores (Twitter).



Figura 2. Raiva/ironia.

Figure 2. Anger/irony.

Fonte: Coleta de dados realizada pelos autores (Twitter).

¹⁰ No caso específico: como funciona nossa percepção de cor; ou até, a percepção humana em geral.

¹¹ Nelson Rodrigues, dramaturgo e jornalista, além de torcedor emérito do Fluminense Football Club, em uma de suas crônicas, comentou que “o Fla-Flu não tem começo. O Fla-Flu não tem fim. O Fla-Flu começou quarenta minutos antes do nada. E aí então as multidões despertaram” (Prado, 2010). Assim, entendemos haver pertinência nesta nomenclatura que evoca disputas entre grupos de pessoas em torno de seus objetos de filiação e desfiliação, esperando que o primeiro seja vencedor ou aclamado como hegemônico, e que se atualiza, no caso do futebol, cada vez que se enfrentam. Apesar da descrição de Rodrigues, o primeiro jogo entre Flamengo e Fluminense aconteceu em 1912, e as partidas entre os dois clubes receberam esta alcunha em 1925, por seu irmão, também jornalista, Mário Filho - que dá nome ao estádio Maracanã.

¹² Em sua pesquisa sobre a controvérsia do vestido, Pascal Wallisch entende que pequenas alterações na iluminação seriam capazes de gerar respostas fisiológicas *fortes* nos observadores, o que por sua vez poderia lançar luz sobre as *certezas* demonstradas. Para chegar nessas conclusões, ele relançou a imagem do vestido para milhares de pessoas e registrou suas reações.

Aqui, *se cor é trivial e óbvia, por que se ater a qualquer questionamento sobre ela?* (Figura 2).

(iii) *Desinteresse*: tal qual na Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais destaca-se as interseções entre as categorizações, aqui também há uma proposição de superficialidade do assunto. Porém, o intuito dos discursos abarcados aqui é cessar a discussão dada a sua *inutilidade* (Figura 3).

Todas as categorias de sentido deixam claro que a cor (e a percepção em si) é tratada de forma rasa, com pequena ou nenhuma tentativa de embasamento, salvo raras exceções. A questão parece ser resumida hipoteticamente como: *se eu vejo assim, essa é a verdade*. Tal afirmação é diametralmente oposta àquela que compendia a maior parte do pensamento do século XIX, cujos percursos foram tanto confirmados quanto esmiuçados pela neurociência no XX. É o próprio cientista Pascal Wallisch que arremata:

Para resumir - e repetir - não é sobre o vestido. Trata-se de percepção visual e cognição humana. Se esta é a primeira vez que você descobriu que sua percepção - que você confia para obter segurança durante o dia - é inerente e fundamentalmente pouco confiável, você pode ter ficado cético, defensivo ou chocado. Mas isso não muda os fatos. [...] Para desvendar por que a interpretação pode mudar para você ou porque sua interpretação discorda daquelas de quem você gosta, mais pesquisas

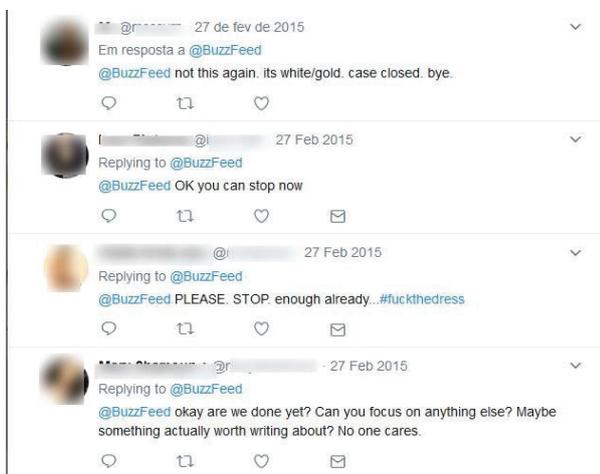


Figura 3. Desinteresse.

Figure 3. Uninterest.

Fonte: Coleta de dados realizada pelos autores (Twitter).

são necessárias. Neste ponto, a resposta é: “Não sabemos, mas gostaríamos de descobrir”. Rejeitar as coisas é fácil. Pesquisar é difícil. [...] Muitas pessoas dizem coisas como: “Você disse x” ou “isso é ofensivo” - uma declaração mais precisa seria “entendi x”, ou “isso é ofensivo para mim”. Há uma grande diferença (2015, tradução nossa).

Dessa forma, o ciberacontecimento do vestido trouxe à tona uma caixa preta sobre percepção e entendimento daquilo que costumeiramente trata-se como *realidade objetiva e compartilhada* e cravou nela uma agulha da desconfiança já há muito perseguida por alguns autores e pensadores *minoritários*, especialmente no quesito da distribuição das verbas de financiamento de pesquisa. Todavia, conforme comenta Wallisch, se faz *sine qua non* que as investigações sobre o campo da visualidade tanto prossigam quanto se proliferem.

O sapato azul e cinza ou rosa e branco

Desde a irrupção do *vestido*, em 2015, o *BuzzFeed* passou a promover periodicamente controvérsias em sua produção de conteúdo digital. De maneira bastante semelhante ao vestido, como na tentativa de engajar seus leitores e demais interagentes nas conversações em rede através da dúvida sobre a cor de um coelho (Brantz, 2015) ou de um par de sandálias (Esposito e Nye, 2016) (este em uma combinação similar a do vestido), ou em outras elaborações correlacionadas, como na proposta de encontrar a cor de esmalte que mais se aproximaria da cor de um sapato (Holderness, 2015b). Contudo, se comparados com a repercussão do vestido, nenhum destes obteve tamanha representatividade nas redes digitais.

No dia 11 de outubro de 2017, o perfil do Facebook identificado como Nicole Coulthart publicou uma imagem, atribuída a uma amiga, no grupo *GirlsMouth* (que conta com aproximadamente 100.000 perfis), solicitando ajuda para uma dúvida. “Ok meninas, minha amiga acabou de me enviar isso perguntando de que cor o sapato é. Eu diria que é rosa claro e branco, mas ela insiste que é azul claro e cinza. O que vocês meninas veem? Por favor me digam que é rosa e branco!”. A dualidade de respostas, seguindo as duplas de cores estabelecidas por Nicole, extrapolaram o grupo no Facebook para publicações em outras ambiências do site e em outras redes digitais. O frisson do espalhamento da imagem e os questionamentos, posicionamentos, disputas e negociações ocorreram de forma semelhante ao

vestido. Tanto é assim que, tal controvérsia, elaborada por produtores de conteúdo (jornais, blogs, sites, páginas e perfis), se valeram do vestido como referencial e elemento de contextualização. Em entrevista para o jornal *Metro* (Gladwell, 2017), do Reino Unido, Nicole revelou que a confusão começou quando a mãe de sua amiga a congratulou pelos novos sapatos *azuis*, ao que sua amiga enxergava rosa, e enviou uma foto do calçado para Nicole a fim de um esclarecimento. A partir dos comentários obtidos nas publicações do *BuzzFeed*, propõe-se cinco principais categorias relacionadas a este evento e os debates que suscita.

(i) *Fla x Flu*: tal qual ocorrera em relação ao vestido, aqui percebe-se a polarização e *defesa* de uma só combinação de cores, elaborada circunstancialmente como uma contestação de mensagens que dispõem de opinião contrária (Figura 4).

(ii) *Outras designações de cores possíveis*: nesta categoria abarca-se as réplicas que apresentam outras nomenclaturas para as cores vistas, além das combinações propostas inicialmente, como verde, verde-água, verde azulado, bege, entre outras (Figura 5).

(iii) *Ambas as combinações*: manifestações que expressam o vislumbre de ambas as possibilidades de combinação de cores, seja por si ou por si e outrem; em algumas delas, há uma ordem cronológica, no sentido de que primeiro houve uma percepção e posteriormente outra. Também há uma espécie de alternância, como em dado momento enxerga uma combinação, depois outra, e



Figura 4. Fla x Flu.
Figure 4. Fla x Flu.

Fonte: Coleta de dados realizada pelos autores (Twitter).

novamente a primeira. Percebe-se que algumas manifestações designam o dispositivo utilizado para visualização, ou mais de um, sobretudo para justificar a percepção de diferentes combinações (Figura 6).

(iv) *Tentativas de explicação*: neste núcleo estão concentradas as manifestações que tentam dar a ver as razões para a confusão e dualidade da percepção. Há um caráter denunciativo quanto ao uso de recursos tecnológicos para

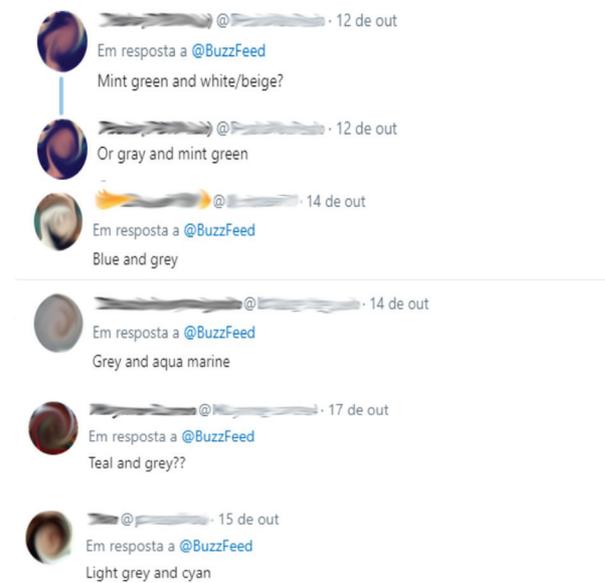


Figura 5. Outras designações de cores possíveis.
Figure 5. Other possible color designations.

Fonte: Coleta de dados realizada pelos autores (Twitter).



Figura 6. Ambas as combinações.
Figure 6. Both combinations.

Fonte: Coleta de dados realizada pelos autores (Twitter e Facebook).

criar/que criaram a imagem dúbia e inferências quanto à linha do calçado desenvolvida pela marca, que não teria fabricado uma das combinações para o modelo (Figura 7).

(v) *O sapato como o novo vestido*: neste núcleo estão as mensagens que fazem referência ao vestido, em tom de ironia e reprovação (ou reprovação irônica). Atenta-se para o fato de que nem todas as mensagens efetivamente nomeiam o vestido, entrando aí a subjetividade interpretativa quanto à essa referência, sobretudo em palavras como *again* (novamente) e a ambiência do *BuzzFeed*, catalisador do espalhamento do vestido (Figura 8).

Talvez mais do que tenha surgido no vestido, aqui percebe-se que ambas as combinações estavam sendo validadas em algumas manifestações. A controvérsia passa a gerar tentativas de explicações para a opinião (visão) a partir do aparato tecnológico utilizado para visualização, e o fenômeno controverso a partir de recursos de edição de imagens. Assim, entende-se que a mediação tecnológica é fundamental não só como propulsora da controvérsia, no

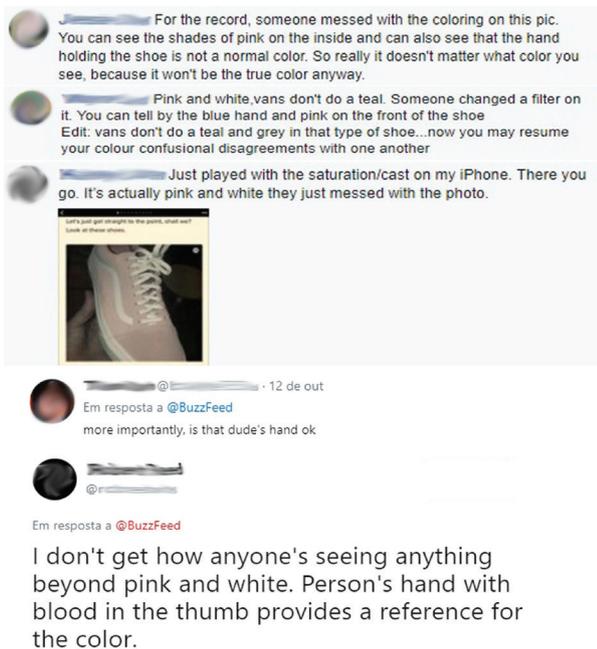


Figura 7. Tentativas de explicação.

Figure 7. Explanation attempts.

Fonte: Coleta de dados realizada pelos autores (Facebook e Twitter).

sentido de usos e apropriações dos sites de redes sociais e suas potencialidades de espalhamento, mas *na própria elaboração de um objeto conflitante*. Os dispositivos utilizados, sejam eles aparelhos de telefonia ou *notebooks*, e as configurações¹³ a que cada qual é submetido, também são entendidos como mediadores do surgimento de outras combinações para além das inicialmente propostas. A re-



Figura 8. O sapato como o novo vestido.

Figure 8. The shoe as the new dress.

Fonte: Coleta de dados realizada pelos autores (Twitter).

¹³ Ademais do fato de que cada tela ampliará a discordância, inevitavelmente, posto que: “Telas diferentes usam diferentes geometrias de *pixels* (unidades de três e quatro *pixels*, por exemplo, ou máscaras de Bayer), o que significa que as telas de diferentes fabricantes nem sempre mostram as imagens criadas em outras de forma ideal. Pior, cada fabricante usa diferentes corantes ou pigmentos para fornecer filtros de cores e diferentes *backlights* ‘brancos’” (Cubitt, 2014, p. 146).

ferencialidade ao vestido também corrobora a perspectiva da abertura da caixa preta em uma nova controvérsia, em consonância com a Teoria Ator-Rede, e da atualização do acontecimento, em perspectiva do jornalismo. Contudo, nenhuma das manifestações aparenta se aproximar de uma saturação definitiva da discussão das cores operada pelo vestido — ainda que em chaves de subjetividade e com uso de ironias. Poder-se-ia interpretar este como um movimento de manutenção da estabilidade ilusória, que Latour aborda, da caixa preta.

Considerações finais

A análise das conversações no *BuzzFeed* corrobora o que as pesquisas de cibercontecimentos vêm apontando, para uma intensa disputa de sentidos dos atores sociais em rede, com a prevalência de opiniões em cima de opiniões, além do recurso discursivo da ironia para desqualificar opiniões contrárias (seja da visão de outras combinações de cores ou para a aferência de deslegitimidade da relevância destes acontecimentos). Contudo, a proliferação de discursos ou tentativas de explicações científicas para tal controvérsia surge como uma especificidade importante na tentativa de compreensão e relação entre os dois debates de um mesmo enigma. O acionamento e discussão das teorias que indicam que tal controvérsia não cessará também permite entender a similaridade dos desdobramentos de ambos.

É a falta de estudos e interesse comentada tanto por Arnheim quanto por Dondis¹⁴ que torna boa parte do conhecimento sobre percepção uma caixa preta que se descongela e vira *acontecimento*, tal qual um barulho desarmônico numa orquestra afinada, toda vez que um feliz acidente lembra a todos que “nossa representação das coisas, tais como nos são dadas, *não se regula por estas*, consideradas como coisas em si; esses objetos, como fenômenos, é que se regulam pelo nosso modo de representação” (Kant in Crary, 2012, p. 73, grifo nosso). A desconsideração se demonstra tamanha que mesmo em áreas que lidam eminentemente com a visualidade, tal qual as artes plásticas ou o cinema, se encontram comentários como: “apesar da centralidade da cor para a experiência e tecnologia do cinema, o assunto tem sido tratado de forma ocasional

pelo teórico, historiador, ou profissional; uma fonte mais de uma observação fugaz do que de uma conceituação rigorosa” (Vacche e Price, 2006, p. 1, tradução nossa). Ou Scott Higgins: “estudiosos de cinema não estão sozinhos na negligência em maior ou menor grau da contribuição da cor [...] historiadores de arte, particularmente John Gage, só recentemente despertaram um diálogo contemporâneo sobre os problemas e potencialidades da cor” (2007, p. 7, tradução nossa). Ainda: “uma grande parte daquilo que se tem escrito sobre pintura, é oportuno dizer, tem sido feito quase como se as pinturas fossem obras em preto e branco” (Pattillo in Arnheim, 2005, p. 334). Portanto, as cores acabam sendo veladas nova e reiteradamente em suas posições de caixa preta seja pelo diminuto interesse e produção intelectual acerca do tema nos confins acadêmicos, seja pela soterração contínua advinda de uma espécie de *febre por informar com rapidez*, comenta Silva, que faz da internet solo fértil para uma multiplicidade despropositada de notícias — que acabam por, comumente, “gerar um efeito desastroso: o de desinformar, já que nenhum fato é explicado na sua amplitude. Ficando perceptível que o excesso de informação não pode ser considerado como sinônimo de conhecimento” (2008, p. 40). Se há um aparente desinteresse no aprofundamento teórico desta controvérsia das cores, a periódica retomada do tema nas conversações em rede, com tamanho espalhamento, parece apontar para um poder de afetação e mobilização em torno destas.

Referências

- ALBERS, J. 2013. *Interaction of Color*. New Haven, Yale University Press, 193 p.
- ALSINA, M. 2009. *A construção da notícia*. Rio de Janeiro, Vozes, 352 p.
- ARNHEIM, R. 1997. *Visual Thinking*. Los Angeles, University of California Press, 322 p.
- ARNHEIM, R. 2005. *Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo, Pioneira Thomson, 503 p.
- BATCHELOR, D. 2014. *The Luminous and the Grey*. London, Reaktion, 110 p.
- BOYD, D. 2010. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In: Z. PAPACHARISSI (org.), *A Networked Self: Identity, Community, and Cul-*

¹⁴ “O exame dos sistemas de educação revela que o desenvolvimento de métodos construtivos de aprendizagem visual são ignorados, a não ser no caso de alunos especialmente interessados e talentosos. [...] Isso talvez não se deva tanto a um preconceito como à firme convicção de que é impossível chegar a qualquer metodologia e a quaisquer meios que nos permitam alcançar o alfabetismo visual” (Dondis, 2003, p. 17-18, grifo nosso).

- ture on Social Network Sites. Nova Iorque, Routledge, p. 39-58.
- BRANTZ, L. 2015. What Color Is This Bunny? Disponível em: <http://bzfd.it/2zgyzeR>. Acesso em: 04/11/2017.
- BUZZFEED, 2015b. What Colors Are This Dress? Disponível em: <https://www.facebook.com/BuzzFeed/posts/10153203567435329>. Acesso em: 03/11/2017.
- BUZZFEED, 2017b. Hey Guys, What Colors Are These Shoes? Disponível em: <https://www.facebook.com/BuzzFeed/posts/10156877304770329>. Acesso em: 03/11/2017.
- BUZZFEED. 2015a. What Colors Are This Dress? Disponível em: <https://twitter.com/BuzzFeed/status/571305554611544066>. Acesso em: 03/11/2017.
- BUZZFEED. 2017a. Hey Guys, What Colors Are These Shoes? Disponível em: <https://twitter.com/BuzzFeed/status/571305554611544066>. Acesso em: 03/11/2017.
- CHARAUDEAU, P. 2006. *Discurso das Mídias*. São Paulo, Contexto, 286 p.
- CHIRIMUUTA, M. 2015. *Outside Color - Perceptual Science and the Puzzle of Color in Philosophy*. Cambridge, MIT Press, 245 p. <https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262029087.001.0001>
- CRARY, J. 2012. *Técnicas do Observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro, Contraponto, 166 p.
- CUBITT, S. 2014. *The practice of light: a genealogy of visual technologies from prints to pixels*. Cambridge, MIT Press, 354 p. <https://doi.org/10.7551/mitpress/9138.001.0001>
- CURRIE, G. 1995. *Image and mind: film, philosophy and cognitive science*. Cambridge, Cambridge University Press, 301 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511551277>
- DONDIS, D.A. 2003. *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo, Martins Fontes, 234 p.
- ESPOSITO, B.; NYE, D. 2016. What Colors Are These Flip-Flops? Disponível em: <http://bzfd.it/2y5LMDG>. Acesso em: 04/11/2017.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. 2013. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre, Sulina, 239 p.
- G1. 2014. Conheça a história dos 'rolezinhos' em São Paulo. Disponível em: <https://glo.bo/1eFwEyU>. Acesso em: 01/11/2017.
- GLADWELL, H. 2017. Are these trainers grey and aqua or pink and white? Disponível em: <http://bit.ly/2iydGBO>. Acesso em: 25/10/2017.
- HARDIN, C. L. 1998. *Color for Philosophers: Unweaving the Rainbow*. Indianápolis, Hackett, 243 p.
- HENN, R. 2014. *El ciberacontecimiento: producción y semiosis*. Barcelona, Editorial UOC.
- HENN, R.; HÖEHR, K.; BERWANGER, G. 2012. Transformações do acontecimento nas redes sociais: das mobilizações contra a homofobia à crise de dupla sertaneja. *Brazilian Journalism Research*, 8(1):100-117.
- HENN, R.; PILZ, J.; KOLINSKI MACHADO, F. 2018. Celebração do casamento igualitário e homofobia nas redes digitais: #LoveWins na disputa de sentidos oriundos da apropriação da Havaianas. *E-Compós*, 21(1):1-20. <https://doi.org/10.30962/ec.v21i1.1400>
- HIGGINS, S. 2007. *Harnessing the Technicolor Rainbow: Color Design in the 1930s*. Austin, University of Texas Press, 292 p.
- HOLDERNESS, C. 2015a. What Colors Are This Dress? Disponível em: <http://bzfd.it/2zIVVPR>. Acesso em: 03/11/2017.
- HOLDERNESS, C. 2015b. Which Color Nail Polish Best Matches This Shoe? Disponível em: <http://bzfd.it/2ITWPY3>. Acesso em: 04/11/2017.
- HOWARD, J. 2015. #TheDress Sparked A Huge Debate, But Science Is Here To Settle Things. Disponível em: <http://bit.ly/2yJgfvh>. Acesso em: 13/10/2017.
- JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. 2013. *Spreadable Media: Creating, Value and Meaning in a Networked Culture*. Nova York, New York University Press, 352 p.
- LATOUR, B. 2012. *Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede*. Salvador, EDUFBA, 399 p.
- LEMOES, A. 2013. *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo, Annablume, 310 p.
- MCCOY, T. 2015. The inside story of the 'white dress, blue dress' drama that divided a planet. *The Washington Post*. Disponível em: goo.gl/OhJVvQ. Acesso em: 19/07/2017.
- MELITO, L. 2014. Relembre: jornada de protestos de junho completa um ano. Disponível em: <http://bit.ly/2lga4G0>. Acesso em: 01/11/2017.
- NATIONAL CENTER FOR BIOTECHNOLOGY INFORMATION (NCBI). 2001. Cones and Color Vision. Disponível em: <http://bit.ly/2xv9kAz>. Acesso em: 08/09/2017.
- NEUMAM, C. 2014. Doença sem cura deu origem ao desafio do balde de gelo. Disponível em: <http://bit.ly/2HXEoy6>. Acesso em: 01/11/2017.
- NORA, P. 1974. O regresso do acontecimento. In: J. LeGoff, *Fazer História*. São Paulo, Bertrand, 243 p.
- PEDROSA, I. 2009. *Da cor à cor inexistente*. Rio de Janeiro, SENAC, 256 p.
- PEIRCE, C. 2002. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce. Past Masters*. Cambridge, Intellect Corporation, CD-ROM.
- PEREIRA DE SÁ, S. 2016. Somos Todos Fãs e Haters? Cultura Pop, Afetos e Performance de Gosto nos Sites de Redes Sociais. *Revista Eco-Pós*, 19(3):50-67.
- PILZ, J. 2017. *Apropriações publicitárias de ciberacontecimentos: sentidos oriundos de conversações em rede operadas por atores sociais com interesses mercadológicos como estratégia de relacionamento*. São Leopoldo, RS. Dissertação de mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 144 p.
- PRADO, R.M. 2010. Mais Um Fla-Flu. Disponível em: <https://>

glo.bo/2t2XIpc. Acesso em: 03/11/2017.

PRIMO, A. 2008. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre, Sulina, 308 p.

QUÉRÉ, L. 2012. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: V. FRANÇA; L. OLIVEIRA, *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, p. 21-38

RANCIÈRE, J. 1995. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro, Editora 34, 256 p.

REBELO, J. 2006. Prolegômenos à narrativa mediática do acontecimento. *Trajectos - Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, **8-9**:55-58

RECUERO, R. 2014. *A conversação em rede: Comunicação Mediada Pelo Computador e Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre, Sulina, 238 p.

RODRIGUES, A. 1993. O acontecimento. In: N. TRAQUINA (org.), *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa, Vega, p. 27-34.

ROGERS, A. 2015. The Science of Why No One Agrees on the Color of This Dress. Disponível em: goo.gl/p7G0YS. Acesso em: 28/06/2017.

SILVA, A.P.B. 2008. *Jornais Impressos e Internet: o excesso de informação que desinforma*. Brasília, DF. Trabalho de conclusão de pós-graduação *Lato sensu*. Universidade do Legislativo Brasileiro, 45 p.

STRUNK, D. 2017. Forget The Dress, What Colors Are These Shoes? Disponível em: <http://bzfd.it/2hJpQN>. Acesso em: 03/11/2017.

VACCHE, A.D. (org.); PRICE, B. (org.). 2006. *Color, the film reader*. Nova Iorque, Routledge, 214 p.

VISCONTI, H.; FERRARI, B. 2015. #MeuAmigoSecreto: nova campanha na internet denuncia o machismo do dia a dia. Disponível em: <https://glo.bo/2IfMk5b>. Acesso em: 01/11/2017.

VOGEL, D. 2010. O acontecimento no jornalismo e na arte. In: M. BENETTI; V. FONSECA (org.), *Jornalismo e Acontecimento: Mapeamentos críticos*. Florianópolis, Insular, p. 63-76.

WALLISCH, P. 2015. Why "Dressgate" Matters. Disponível em: <http://pensees.pascallisch.net/?p=1901>. Acesso em: 19/07/2017.

WALLISCH, P. 2017. Illumination assumptions account for individual differences in the perceptual interpretation of a profoundly ambiguous stimulus in the color domain: "The dress". *Journal of Vision*, **17**(4). <https://doi.org/10.1167/17.4.5>

WARZEL, C. 2016. 2/26: The Oral History. Disponível em: goo.gl/sJueNA. Acesso em: 28/06/2017.

Submetido: 12/11/2017

Aceito: 22/06/2018